

# REVISTA Imprensa Jovem

Uma ação Educom- Metodista

Julho de 2026

## ADOLESCÊNCIAS

Sua voz. Seu estilo. Seu futuro.



Redes sociais digitais | Mercado de trabalho | Relacionamentos  
| Música | Literatura | E muito mais....



# Índice

6

Ser adolescente em 2026

8

A pressão dos jovens nas redes digitais

10

Jovem Aprendiz: Você sabe como funciona?

12

Quizz: Como você é no amor?

4

Ponto de vista



Adolescência no centro do divórcio

14

Adolescência, música e vida

16

Papo sério: ECA Digital

22

24

Eu leitor,



Brincar é um direito!

32

Quem conta um conto aumenta um ponto...

28

## REVISTA Imprensa Jovem

Uma ação Educom - Metodista

### EXPEDIENTE

A **REVISTA IMPRENSA JOVEM** é desenvolvida pelos alunos do ensino fundamental e médio matriculados nas escolas da rede municipal de ensino, em uma ação colaborativa entre a Prefeitura de São Paulo (Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Ensino) e a Universidade Metodista de SP. Colaboram nesta edição:

#### EMEF GUIOMAR CABRAL

##### Estudantes:

Eduarda Silva Campos  
Emily Yasmin dos Santos  
Isabella Lorena Lima Costa  
João Pedro P. Silva  
Kevin Ruan de Freitas  
Logan T Gasparetto Teramoto  
Maria Eduarda Tavares dos Reis  
Maria Isabella G da Silva  
Marya Eduarda Lobato Gomes  
Victória Silva de Abreu

##### Professor:

Marcos C. Nunes

#### CEI SEMENTINHA DA ESPERANÇA

##### Estudantes:

Elisa Marizze  
Eloah Honório  
Gabriel Ming  
Guilherme Rago  
Heloisa Alves  
Heitor Garcia de Conti  
Liz Belchior  
Nathan Domeni  
Rhavi Henry Gonçalves de Souza  
Théo Macedo

##### Professores:

Rafael Barros Rangel  
Januquiele da Silva Bispo

##### Colaboradores (entrevistados):

Eliete Torbitoni  
Loraine Bezerr  
Reinildo Pereira  
Vanessa Granado

#### EMEF BELKICE MANHÃES REIS

Alex Barbosa Eugenio  
Alicia Belo Rodrigues  
Amanda Avelar Leite da Silva  
Ana Feliciano Proença  
Davi Lukas Serodio  
Diego Hemmel Nogueira  
Emanuelle Nascimento da Silva  
Maria Luiza França Shunk  
Miguel Henrique Freitas Silva  
Sabrina Lino da Silva  
Sophia Valeriano Alencar

Maria Vitória da Silva Santana

##### Professor:

Bruno Chiachia

##### Colaboradores:

Agatha Alves Vieira  
Emelly Aparecida Nascimento da Silva

#### COLABORADORES EXTERNOS

Onézio Cruz (ilustrador)  
José Reis Filho (projeto gráfico)  
Cíndia Moraca (texto opinativo - ECA Digital)  
Haline Marques (texto opinativo - ECA Digital)

#### EQUIPE UNIVERSIDADE METODISTA DE SP

Adriana Cristina A. do Amaral  
Editora Revista IJ (Mtb: 16.447)

##### POSCOM

Glauceane Mont Serrate  
Jaqueline Florentino  
Helena Schiavoni Sylvestre  
Mariana Lenk  
Oswaldo Martins dos Santos Filho  
Renata Eisinger  
Suzana Rosa dos Santos

##### GRADUAÇÃO (PROJETO DE EXTENSÃO)

Adailton de Santana Belarmino da Silva  
Alice Matos de Sales  
Amanda Karolina de Assis Silva  
Beatriz Pedro  
Beatriz Pereira de Moraes  
Bianca Siqueira  
Cauã Marcos Pinheiro Freitas  
Diogo do Valle  
Edson Silva dos Santos  
Enzo Penteado Zambrano  
Estephany Feitosa Cena da Silva  
Ester Pereira Soares  
Evelyn Nicole Nascimento  
Giovana Pereira Mellaci  
Graziella Pereira Bispo  
Heryka Miranda  
Isabela Reinaud Fonseca  
Julia de Almeida Brandão

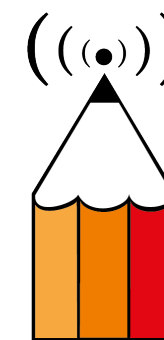
Larissa Silva  
Laryssa Oliveira  
Laysa Pacheco  
Laysla Santos Ferreira  
Lívia da Costa  
Lucas Henrique Sena da Silva  
Lucca Geronimo Rodrigues  
Mailon Lopes  
Maria Eduarda Buzutto Furtina  
Matheus Calixto  
Natália Matos Rodrigues  
Pamela Isabela Ferreira Benjamim  
Pedro Henrique de Melo  
Pedro Henrique Gouveia  
Rafael Gouvea Salles  
Romulo Frutuoso Alves  
Sofia Galvão  
Stéfani Alves de Campo  
Tayssa Gueler  
Thainara Farias Lima  
Yasmin Barreto

##### APOIO

Projeto Comunica, Nossa Gente!, Cátedra UNESCO de Comunicação, GP MOB-Com e Projeto de Extensão Universitária - UMESP

#### COORDENAÇÃO GERAL

Camila Escudero (UMESP; jornalista responsável pela edição – Mtb: 39.564)  
Carlos Lima (Núcleo de Educom/SME)



A **REVISTA IMPRENSA JOVEM** é aberta a todos os estudantes, de todas as séries e escolas, públicas e particulares, de todos os lugares. Falamos de todos os temas. Vamos atrás da informação, entrevistamos, checamos, escrevemos, editamos, produzimos. E, nesse processo, aprendemos muito, ganhamos autonomia e exercemos nosso direito à comunicação. Toda colaboração é bem-vinda! Quer fazer com a gente? Entre em contato. Sugira uma pauta. Trabalhamos juntos. E-mail: [camila.escudero@metodista.br](mailto:camila.escudero@metodista.br).



# Adolescências

## Vozes, pensamentos e visão de mundo

 **Carlos Lima**  
Coordenador do Núcleo de Educomunicação da Prefeitura de São Paulo

Compreender os adolescentes é um dos grandes desafios da sociedade contemporânea. Em meio às rápidas transformações culturais, tecnológicas e sociais, cresce a necessidade de criar espaços de escuta genuína, diálogo e participação juvenil. A adolescência não pode ser reduzida a estereótipos ou julgamentos simplistas. Trata-se de uma etapa marcada pela construção de identidade, pela busca de pertencimento, pelas descobertas e pelos questionamentos sobre o presente e o futuro.

Foi justamente reconhecendo a importância dessas múltiplas experiências juvenis que a **Revista Imprensa Jovem** escolheu o

tema “Adolescências” para esta e a próxima edição. A proposta é repercutir pensamentos, visões de mundo, inquietações, preocupações e narrativas produzidas pelos próprios adolescentes, valorizando suas vozes e seus modos de entender a realidade.

Os adolescentes desejam ser ouvidos para além das aparências. Querem participar das decisões, debater temas que impactam suas vidas, expressar sentimentos e construir caminhos possíveis para um mundo mais justo e acolhedor. Suas linguagens aparecem nas redes sociais, na música, na arte, no audiovisual, nos coletivos juvenis e em diferentes formas de comunicação que utilizam diariamente.

Assim, a Educomunicação se fortalece como prática essencial para ampliar o protagonismo juvenil. Ao estimular podcasts, jornais estudantis, vídeos, fotografia, rádio escolar e produções digitais, abre espaços para que adolescentes traduzam suas experiências e expressem suas perspectivas sobre a sociedade, a escola, o território e o futuro.

Mais do que falar sobre adolescentes, buscamos com esse tema falar com eles e, principalmente, ouvi-los. Porque compreender as adolescências exige sensibilidade, respeito e disposição para reconhecer que cada jovem carrega consigo histórias, sonhos e potências capazes de transformar o mundo.

## Confissões de uma ex-adolescente

 **Camila Escudero**  
Professora doutora da Universidade Metodista de São Paulo

Quando eu era adolescente, lá por meados dos anos 1990, havia uma série de TV brasileira chamada Confissões de Adolescente, exibida pela TV Cultura. Contava o cotidiano de quatro irmãs jovens – Diana, Bárbara, Natália e Carol – vividas pelas atrizes Maria Mariana, Georgiana Góes, Daniele Valente e Deborah Secco, todas em início da carreira. Elas moravam com o pai Paulo (interpretado pelo autor Luís Gustavo), no Rio de Janeiro. A cada episódio era abordado um tema diferente entre relacionamentos,

amizades, sexualidade, estudos, conflito de geração, entre outros.

Mas por que lembro de tudo isso agora? Porque falar de adolescência nessa edição me lembrou dessa série, um marco de uma época que não tínhamos tanto acesso à informação como temos hoje. E que, no meu caso, ensinou-me, também, a ser uma adolescente: era possível reconhecer-se nos conflitos narrados, nos comportamentos retratados e no crescimento das personagens. Hoje, lembro de Confissões de Adolescente com

muito carinho e vejo o quanto essa fase da vida é maravilhosa!

E, acompanhando o material que crianças e jovens prepararam para esta edição, sobre o tema da adolescência, só reafirmou o quanto é uma etapa da vida especial, mesmo com todas as transformações... Você, adolescente, que nos lê, espero que esteja curtindo. E o melhor: que daqui a uns anos, possa lembrar de tudo com carinho e uma saudade gostosa, como eu lembrei.

Boa leitura!

# A REVISTA IMPRENSA JOVEM A UM CLICK DE VOCÊ!



Acesse nosso site oficial!  
[www.revistaimpressajovem.org](http://www.revistaimpressajovem.org)

## Acesse lá as edições anteriores





A adolescência sempre foi descrita como um período de intensas transformações, mas ser jovem em 2026 traz um conjunto de complexidades totalmente novo.

Entre rotinas escolares, a iminência de escolhas profissionais e a onipresença das redes sociais, a juventude atual se equilibra entre a busca por autonomia e as cobranças do mundo adulto.

Para entender melhor o que passa na cabeça e no coração dessa geração, a equipe da **Imprensa Jovem** se reuniu em um formato de *podcast* para entrevistar as estudantes Ágata Agatha Alves Vieira e Emelly Aparecida Nascimento da Silva, ambas com 16 anos e egressas da comunidade escolar Belkice Manhaes Reis.

Em um diálogo aberto e sincero, elas revelam que, por trás das telas e dos muros da escola, existe uma juventude profundamente reflexiva, que erra, aprende e sonha alto. Veja a entrevista completa:

**Imprensa Jovem:** Como vocês definiriam a palavra “adolescente”

**Ágata e Emily:** Aventura. Porque a gente vive muitas coisas e experimenta muito. É um misto de novidade com intensidade.

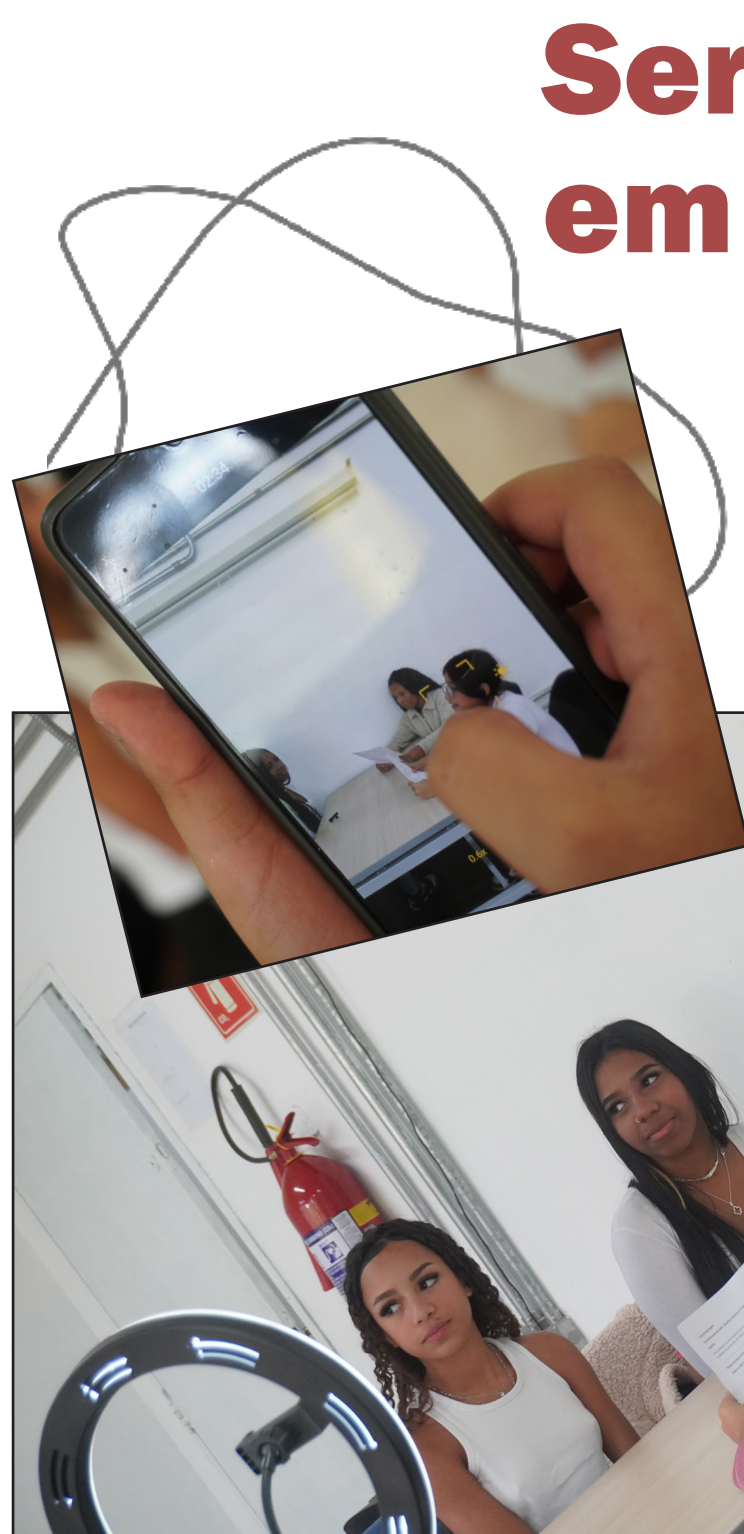
**IJ:** O que vocês acham que essa palavra mais expressa no dia a dia?

**Ágata e Emily:** Expressa o convívio. O convívio com as pessoas lá no pátio da escola, na sala de aula com os professores... A gente aprende coisas novas e experimenta situações que nunca viveu antes. É tudo muito louco!

**IJ:** E o que vocês mais gostam em ser adolescentes?

**Ágata e Emily:** O que a gente mais gosta é que podemos errar. E aí a gente tenta de novo, tenta mais uma vez... Assim, a liberdade para nós sempre significa estar tentando e aprendendo com o erro. É muito legal ter essa margem para descobrir quem somos.

**IJ:** Atualmente, qual é o maior desafio



# Ser adolescente em 2026

Texto e fotos  
**EMEF Belkice Manhaes**

CONVERSA com  
adolescentes foi  
tema de *podcast*

que os adolescentes enfrentam? Quando vocês saem da escola, no que vocês pensam? Faculdade, trabalho? O que é mais difícil?

**Ágata e Emily:** Vocês acham que os adolescentes de hoje em dia são muito diferentes? São bastante, porque a tecnologia... A gente tem muita tecnologia hoje em dia, tipo muita informação, muitas plataformas. Até na questão dos estudos, a nossa forma de estudar é muito diferente. O lado bom é que a escola ajuda muito a gente a aprender, a se desenvolver, a perder a vergonha de

falar em público. A gente aprende a ter comunicação com pessoas mais velhas, escuta experiências... Por outro lado, o que poderia tornar as aulas mais interessantes para nós, jovens, seria um projeto de saídas de sala de aula, fazer um *podcast*, essas coisas práticas, sabe? Mas respondendo sobre o futuro: você já pensou em qual profissão quer seguir? A gente deseja seguir no futuro, mas o que ajuda muito é fazer um curso, faculdade, por exemplo, Administração, Informática (que é muito bom), Medicina...

**IJ:** E como vocês lidam com as redes

sociais? Elas ajudam ou atrapalham os adolescentes?

**Ágata e Emily:** As redes sociais distraem a gente se a gente se distrai com conversas, mas, ao mesmo tempo, em excesso, atrapalha a gente. A gente se dispersa, se compara com os outros e aí... Muita coisa em exagero não dá certo, né?

**IJ:** Existe também uma pressão para parecer perfeito na internet? Como vocês lidam com isso?

**Ágata e Emily:** É difícil, né, amiga?

É difícil. A gente tenta ser perfeita o tempo todo, mas não tem como, né? Sempre estar arrumada, cabelo perfeito, sempre tirar dez na escola... Não tem como.

**IJ:** Para fechar nosso papo sobre convivência: o que é mais importante em uma amizade verdadeira?

**Ágata e Emily:** Confiança. E ajudar. Tipo, você não vai querer uma amizade que te influencie para coisas ruins, tem que ser coisa boa. E ser sincera, né? Se a nossa amiga está fazendo preconceito ou errando, falar com ela, conversar assim... Ter conversas francas sobre os problemas e preocupações. Sim, sim.

**IJ:** Quem é a maior inspiração de vocês? E quais são os seus sonhos?

**Ágata e Emily:** Nossa maior inspiração são nossos pais. E nossos maiores sonhos... Meu maior sonho é ter uma profissão reconhecida. E conseguir morar em um lugar muito top, né? Já pensaram? Ter vários carros, motos, casa na praia... (risos).

**IJ:** Que conselho vocês dariam para outros adolescentes da idade de vocês?

**Ágata e Emily:** Eu falaria para eles tomarem cuidado com as amizades e pensarem no futuro também, né? Porque a gente está crescendo e logo a escola acaba. Eu tenho que fazer faculdade, eu tenho que trabalhar... Aí não dá para ficar sem um curso, para não complicar depois. Aí fica um pouco difícil, né, amiga?

ASSISTA À  
ENTREVISTA!



A conversa com Ágata e Emily deixa uma mensagem clara: a adolescência em 2026 não se resume a estereótipos de rebeldia ou isolamento digital. Pelo contrário, as estudantes demonstraram uma consciência afiada sobre o mundo que as cerca. Elas reconhecem o peso de viver em uma vitrine virtual onde a cobrança por notas impecáveis, cabelos perfeitos e vidas filtradas gera uma pressão constante, mas encontram o antídoto para essa ansiedade no mundo real: no pátio da escola, no suporte mútuo e na segurança de amizades baseadas na confiança e na sinceridade.

O olhar delas para o futuro é maduro. Entre os desejos de estabilidade profissional e os sonhos de consumo clássicos da juventude, há um reconhecimento profundo do papel da educação e do esforço próprio. Acima de tudo, a maior lição que essas jovens nos deixam é a redefinição do erro. Em um mundo que exige perfeição imediata, reivindicar o direito de errar, tentar de novo e aprender no processo é, talvez, o maior ato de coragem e autenticidade da juventude atual.



# A pressão dos jovens nas redes sociais digitais

Foto: Arquivo pessoal



**Psicóloga faz alguns alertas**

**ENTREVISTAMOS** Kerolaine Matos Neves para saber sobre os impactos das redes sociais digitais no comportamento dos jovens

A filósofa contemporânea Hannah Arendt constata, por meio do conceito denominado “banalidade do mal”, a tendência existente nas sociedades de naturalizar problemáticas que impactam a coletividade. Nessa perspectiva, percebe-se que, na realidade atual, tal proposição teórica se manifesta claramente diante dos desafios impostos pelo impacto das redes sociais no comportamento dos jovens. E não é só isso. A superficialidade das interações digitais e a falta de regulamentação no uso dessas plataformas agravam a situação.

Diante desse cenário, o uso intensivo das redes sociais pelos jovens potencializa mudanças comportamentais que podem ser prejudiciais à formação de suas identidades. Nesse viés, cabe citar que, durante o avanço tecnológico nas últimas décadas, as plataformas digitais ganharam protagonismo como ferramentas de interação e expressão. No entanto, apesar dos benefícios trazidos pela

conectividade, as redes sociais também se tornam espaços de propagação de padrões de beleza inalcançáveis e de estímulo a comportamentos de comparação constante.

Nessa linha de raciocínio, há diversos estudos que revelam que o uso excessivo das plataformas digitais está diretamente relacionado ao aumento de transtornos de ansiedade e depressão entre os jovens brasileiros. Isso se torna ainda mais preocupante em um país como o Brasil, no qual políticas públicas para o cuidado da saúde mental juvenil são insuficientes, agravando os impactos negativos desse fenômeno social.

Para entender melhor o assunto, entrevistamos a psicóloga Kerolaine Matos Neves, de São Bernardo do Campo, cidade vizinha a São Paulo. Ela destacou que as redes sociais exercem um impacto significativo na adolescência, justamente por ser uma fase marcada pela construção da identidade e pela busca de pertencimento. Segundo ela, é nesse

período que muitos jovens estão tentando descobrir quem são, onde se encaixam socialmente e como desejam ser vistos pelas outras pessoas.

A profissional explicou que as plataformas digitais acabam incentivando constantemente a comparação, principalmente pela exposição frequente de uma suposta “vida perfeita”. Nas redes, usuários costumam compartilhar apenas momentos positivos, conquistas e padrões idealizados, o que pode fazer com que adolescentes sintam que suas próprias vidas são inferiores ou insuficientes.

Ainda de acordo com Kerolaine, esse cenário afeta diretamente

a autoestima dos jovens e pode contribuir para problemas emocionais. Ela ressaltou, também, que já existem estudos e discussões que relacionam o uso excessivo das redes sociais ao aumento de casos de ansiedade e depressão, especialmente pela necessidade constante de validação por meio de curtidas, comentários e aprovação social.

Por fim, a psicóloga também apontou alguns sinais de alerta que podem surgir nesse contexto, como isolamento social, mudanças de comportamento, insegurança excessiva e dificuldade de diálogo. Para ela, a conversa aberta e acolhedora é uma das principais

formas de aproximação com o adolescente, permitindo que ele se sinta seguro para expressar sentimentos e dificuldades.

## EQUILÍBRIO E CONSCIÊNCIA

Apesar dos riscos, a psicóloga Kerolaine Matos Neves ressaltou que as redes sociais não são necessariamente negativas. Segundo ela, tudo depende da forma como são utilizadas. Quando usadas com equilíbrio e consciência, podem servir como ferramentas de informação, aprendizado, entretenimento e conexão. Porém, sem limites e acompanhamento, também podem trazer impactos negativos para a saúde emocional dos adolescentes.

**Com a palavra, os jovens**

Entrevistamos, também, os adolescentes Mirella Gama (15 anos), Isabelly Torquato (17 anos) e João Pedro (17 anos) sobre o assunto das redes sociais digitais. Os três concordam que as redes impactam na forma como enxergam a própria vida. Entre os relatos, o sentimento mais citado foi a comparação constante com outras pessoas na internet, principalmente influenciadores, colegas e criadores de conteúdo que aparentam viver uma “vida perfeita”.

Os três afirmaram, ainda, que as redes sociais influenciam não apenas a autoestima, mas também a maneira como lidam com o próprio corpo, rotina, aparência e conquistas pessoais. Eles contaram sentir pressão para alcançar padrões considerados ideais em relação à beleza, relacionamentos, dinheiro ou estilo de vida. Para eles, a sensação é de que todos estão sempre felizes, viajando, conquistando objetivos e vivendo experiências melhores do que as suas.

Outro ponto levantado durante as entrevistas foi o impacto emocional causado pelo excesso de comparação. Os três disseram sentir, às vezes, ansiedade, frustração e até desânimo após passarem muito tempo consumindo conteúdos nas plataformas digitais. Apesar disso, reconhecem que elas também têm aspectos positivos, como entretenimento, comunicação e acesso à informação.





# Jovem Aprendiz

## Você sabe como funciona?

Estephany Feitosa, Ester Soares, Maria Eduarda Furtina, Romulo Alves e Thainara Lima  
**Universidade Metodista**

Fotos: Arquivo pessoal



### Eduardo Sábio Zibini (19 anos)

Atualmente, é aprendiz pelo Camp. Tanto os dias de curso quanto os dias de empresa são realizados na cidade de São Bernardo do Campo (SP).

### Isabella Arrais (18 anos)

É aprendiz pela Espro. Os dias de curso e os dias da empresa são realizados na cidade de São Paulo. Ela nos contou mais na entrevista conduzida por Romulo Alves.



### Thalles Melo Moio (21 anos)

Participou do programa pelo Senai. Os dias de curso eram realizados em São Bernardo do Campo (SP), e os dias da empresa eram no bairro Sacomã, na cidade de São Paulo.

## Entrevistamos três jovens que fizeram parte do programa Jovem Aprendiz. Eles nos contaram como foi a primeira experiência profissional dentro dessa categoria de trabalho.

**Imprensa Jovem:** Como você começou a busca pelo Jovem Aprendiz?

**Eduardo Sábio:** Meus amigos estavam fazendo o programa e me indicaram.

**Isabella Arrais:** Comecei pesquisando instituições que tinham vagas disponíveis para Jovem Aprendiz.

**Thalles Melo:** Estava cursando o técnico em Manutenção Eletroeletrônica e interessado em seguir na área. Sentia que precisava de mais experiência e responsabilidades, então busquei a oportunidade.

**IJ:** Por onde fez o Programa?

**Eduardo:** Camp.

**Isabella:** Espro.

**Thalles:** Senai.

**IJ:** Quais os principais ganhos de ter participado ou estar participando do projeto para o seu desenvolvimento profissional?

**Eduardo:** É uma experiência ótima para quem está começando no mercado de trabalho, com muitos

O Jovem Aprendiz é um programa brasileiro criado pela Lei da Aprendizagem (Lei nº 10.097/2000), que regulamenta o trabalho de adolescentes e jovens em regime de aprendizagem profissional.

Empresas de médio e grande porte são obrigadas por lei a contratar jovens aprendizes, correspondendo a um percentual que varia de 5% a 15% do quadro de funcionários cujas funções exijam formação profissional.

Todos os jovens entre 14 e 24 anos podem participar. Para pessoas com deficiência (PCD), não há limite de idade, sendo permitida a participação no programa independentemente de quantos anos tenham.

Um dos requisitos para jovens entre 14 e 17 anos é estar matriculado

aprendizados na área.

**Isabella:** Conhecimento e experiência profissional no currículo.

**Thalles:** Foi uma ótima iniciação no mercado de trabalho. Já havia tido outros trabalhos quando mais novo, porém eram serviços mecânicos sem muito direcionamento aos meus objetivos. Com o programa foi completamente diferente: foi algo bem direcionado aos conhecimentos aprendidos em aula, o que foi um ótimo reforço prático e técnico para a minha atual carreira.

**IJ:** Qual a dica que você dá para quem está começando agora?

**Eduardo:** Aproveitar ao máximo para aprender e poder aplicar no trabalho e na vida.

**Isabella:** Esteja sempre aberto a novas oportunidades.

**Thalles:** Aprender com os mais experientes, ter a cabeça aberta e estar disposto a se pôr à prova todos os dias. Dedique-se e faça o seu melhor todos os dias, mesmo que o melhor de alguns dias acabe

e frequentando o ensino regular. Já os jovens de 18 a 24 anos não são obrigados a estar matriculados no ensino regular. O que é exigido para todos, independentemente da faixa etária, é a matrícula e a frequência no curso de aprendizagem profissional, que faz parte do próprio programa.

Para o jovem, o programa representa uma porta de entrada no mercado de trabalho, combinando experiência prática e formação profissional. Para a empresa, além de cumprir a cota legal, é uma oportunidade de identificar e desenvolver novos talentos.

### PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

• **Contrato especial:** duração por tempo determinado, com duração

máxima de 2 anos, exceto para aprendizes com deficiência.

• **Carga horária reduzida:** máximo de 6 horas diárias para quem ainda não concluiu o ensino fundamental, e até 8 horas para os demais (mesclando entre 4 horas na empresa e 4 horas no curso de aprendizagem).

• **Direitos garantidos:** salário-mínimo, carteira assinada (CTPS), FGTS com alíquota de 2%, férias, 13º salário e vale-transporte.

• **Formação dupla:** o jovem trabalha na empresa e, ao mesmo tempo, realiza um curso de qualificação em uma entidade parceira, como Senai, Senac, CIEE ou outras instituições autorizadas.

Você também pode encontrar vagas de Jovem Aprendiz nos sites das próprias empresas, acessando as abas de "Trabalhe Conosco" ou as áreas de carreiras dentro de seus portais.

Além das instituições citadas nas entrevistas (Espro, Camp e Senai), adolescentes a partir dos 14 anos e jovens adultos de até 24 anos podem encontrar oportunidades de trabalho como Jovem Aprendiz pelo CIEE e pela Companhia de Estágios.

Confira os links abaixo:

<https://portal.ciee.org.br>

<https://campsbc.org.br>

<https://www.sp.senai.br>

<https://www.sodiprom.com.br>

<https://www.espro.org.br>

<https://www.ciadeestagios.com.br/vagas-de-jovem-aprendiz>







Escaneie o QRCode, faça o teste e descubra como você age quando o assunto é namoro, ciúmes, mensagens demoradas e surtos emocionais às duas horas da madrugada kkkkk



Beatriz Pedro, Sofia Galvão,  
Tayssa Gueler, Giovana Mellaci  
e Yasmin Barreto  
*Universidade Metodista*



# Adolescência no centro do divórcio



Adailton da Silva, Cauã Freitas, Edson dos Santos,  
Isabela Reinaud e Lucas Henrique da Silva  
*Universidade Metodista*

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, em dezembro de 2025, o levantamento sobre o número de divórcios no Brasil em 2024. Pela primeira vez desde 2020, houve uma queda nesse indicador, com um número total de divórcios em 428.301, o que representa uma queda de 2,8% comparado com o ano de 2023. Apesar do leve recuo, o cenário ainda aponta mudanças significativas nas relações familiares, mantendo um elevado número e indicando, ainda, alterações no perfil das separações, com redução no tempo médio dos casamentos e aumento de separações em diferentes faixas etárias.

Esse contexto reforça que as transformações vão além dos números e atingem diretamente a estrutura família, em especial os filhos. Se um divórcio ocorre, então, quando são adolescentes, é preciso tomar todos os cuidados possíveis, e priorizar que: apesar de representar o fim de um vínculo conjugal, não encerra as responsabilidades parentais, especialmente no que diz respeito ao bem-estar dos filhos.

De acordo com a psicóloga e psicanalista Bárbara da Silva Filgueiras, ouvida pela reportagem, o impacto do divórcio nos adolescentes depende diretamente da forma como a separação é conduzida e de que maneira o jovem está inserido. Tudo depende do indivíduo, não tendo uma “fórmula pré-pronta”. Em alguns casos,

dentro de uma relação conturbada entre os pais, o divórcio pode chegar a ser considerado positivo. Isso ocorre porque o adolescente, que está sempre exposto às brigas e discussões diárias, acaba sendo retirado desse ambiente sufocante, tendendo a viver numa atmosfera mais estável. No fim, tudo vai depender de como esse adolescente está inserido nessa relação.

Renato Pinto, hoje já adulto, enfrentou divórcio dos pais quando ainda era adolescente e lembra que o clima em sua casa, quando os pais eram casados, era conturbado, e que o divórcio foi um alívio para todos. “O clima em casa sempre foi conturbado e péssimo, então, o divórcio foi um alívio para todos os envolvidos. Desde o começo do trâmite, as coisas ficaram mais tranquilas e só foram melhorando até a conclusão da separação, tanto judicial quanto física”, conta.

Renato afirma que não teve, na época, uma conversa com seus pais sobre a situação que estavam vivendo e que foi no meio de uma das tantas brigas que os pais decidiram, de fato, se separar. Por fim, ele afirma que, se pudesse mudar algo sobre o divórcio, não mudaria nada, pois, no seu caso, foi a melhor saída para todos.

Porém, nem sempre, é assim. Há casos, por exemplo, que os pais acabam utilizando seus próprios filhos como uma “ferramenta de ataque” de

um contra o outro. Segundo Bárbara, dependendo de como o adolescente se enxerga nessa relação, ele pode sentir uma certa responsabilidade de “consertar” o casamento que está quebrado, o que irá afetar diretamente em suas futuras relações. Assim, esse jovem irá crescer e poderá trazer consigo muitos traumas, necessitando de uma rede de apoio. A psicóloga lembra que os pais precisam confiar na capacidade dos seus filhos em lidar com o divórcio, especialmente quando já são adolescentes. “Lidar não é resolver o problema dos pais, mas, sim, enfrentar frustrações e enxergar outros caminhos”.

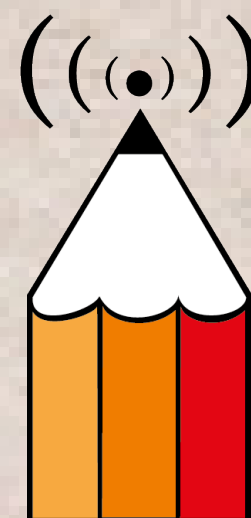
Outro exemplo recorrente é não contar para os filhos sobre a separação, com a desculpa de que eles não vão entender. Porém, a dificuldade em lidar com o divórcio tende a ser mais presente nos próprios pais do que nos adolescentes. Às vezes, sem notar, os pais projetam suas resistências nos filhos e decidem por “blindá-lo” da situação familiar, impedindo que ele participe da realidade. “É necessário que esses pais deem aos filhos o direito de lidarem com a separação da sua própria maneira. Eles têm o direito de saber o que os compete. Então, confie no seu filho, converse com ele, relate o que está acontecendo e o que é justo ele saber. Mas é importante ele ser informado de maneira moderada, sem elevar aos extremos”, reforça Bárbara.

Foto: Divulgação - TV Cultura



Programa *Imprensa Jovem no Ar*, da TV Cultura, que vai ao ar as quartas-feiras, às 20h, com reprise aos domingos, às 11h

## Parceria escola e TV pública





# Adolescência música & vida

Bianca Siqueira, Enzo Zambrano,  
Larissa Silva e Lívia da Costa  
*Universidade Metodista*

Fotos: Enzo Zambrano



**JOVENS**  
participam  
de aulas de  
instrumentos  
diversos em  
conservatório  
de São Bernardo



Arthur Sandrini já sabia ler partituras muito antes de aprender qualquer palavra. Ler uma partitura pode não parecer fácil, mas é a partir da música que podemos transmitir sentimentos que palavras não podem descrever. O caso de Arthur é comum entre jovens que possuem contato com a arte musical desde pequenos. Outro caso similar é o de Felipe Lobo, também estudante de música desde os 6 anos. “É uma forma de se expressar, né? Eu tenho muito carinho”, diz sobre a relação dele com a arte.

Segundo estudo publicado na Revista da Tulha, em 2021, a formação musical engloba áreas cognitivas que vão além da informação, comprovando benefícios psicológicos e sociais, como aumento da sensibilidade artística. Na adolescência, fase de intensa transformação, ela se torna uma grande aliada para enfrentar os desafios da idade.

“Atividades como a música desenvolvem a concentração, a criatividade e a aprendizagem. Também ajudam no equilíbrio emocional, na autoestima e na convivência social, formando adolescentes mais completos e preparados para a vida”, explica a pedagoga Mary Perocci.

A professora de violão Ivana Bitolo é coordenadora do Conservatório Musical André da Silva Gomes, fundado há mais de 55 anos, em São Bernardo. Ela concorda com Mary e destaca muitos benefícios do aprendizado da música desde pequeno, mas, lamenta que, alguns, quando entram na adolescência, param. “Mitos deles são pressionados pelos pais ou pela escola a parar o estudo musical para focar nos vestibulares”, afirma.

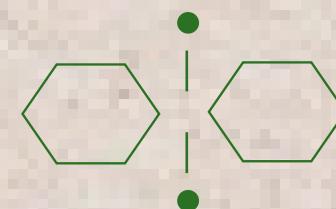
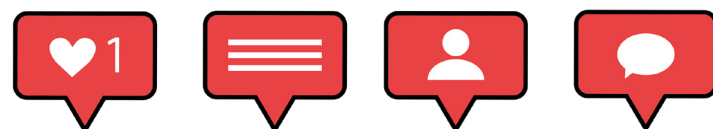
Brenda Waitman (20 anos) destaca a importância da presença da música na sua vida. “A música, em geral, te dá um traquejo social melhor. Você consegue conversar mais com as pessoas. Então, talvez, aquela pessoa que você não conversaria, pelo fato de você tocar, ela vem falar com você. Você consegue fazer mais amizades”, afirma. Da mesma forma, João Riu (15 anos) relata que fez mais amizades após entrar em bandas e ter um contato maior com as pessoas por meio da música.





# Siga-nos

@revistaimpressajovem



## Mostra Itinerante Revista IJ



Parte do acervo da Mostra Itinerante Revista Imprensa Jovem foi montado no dia 13 de junho na Casa Amarela, centro de projeto de extensão da Universidade Metodista de São Paulo



# ECA Digital

## Reputação digital



**Cíndia Moraca**

Palestrante e advogada de Direito Digital e Familiar, coordenadora do Núcleo de Reputação e Cidadania Digital da Comissão de Direito Digital da OAB-SP, professora de Direito Digital no Curso da I9 Educação. Redes Sociais: @cindiarm

O comportamento digital de todos nós deixa um rastro. O que fazemos no ambiente digital afeta quem você é, seu trabalho e sua família.

Vivemos era do cibridismo, junção das palavras *cyber* + híbrido, ou seja, o mundo é real e virtual ao mesmo tempo. Não há mais separação entre *on* e *off line*, tudo está conectado.

Hoje estudamos, trabalhamos e socializamos nas redes sociais e, por isso, precisamos entender que reputação digital é o conjunto das informações que podem ser obtidas sobre cada indivíduo, analisando o rastro do seu comportamento digital, especialmente nas redes sociais.

A reputação digital se forma pelos *posts*, fotos, vídeos, comentários, notícias compartilhadas, até os testes que fazemos por diversão. Cada comentário e curtida são um atestado de quem você é, o que você acredita, suas filosofias e ideologias, daquilo que você endossa! E ela tem efeitos e consequências. São três efeitos principais: social, administrativo e legal (veja quadro).

Ao conhecer alguém, a primeira coisa que fazemos é pesquisar suas redes sociais, por isso esses efeitos são muito importantes. Ninguém

quer se relacionar com um *stalker* ou assediador; ninguém quer manter amizade com alguém misógino ou que se comporta de forma inapropriada na internet. O que se faz *on line* atinge a reputação digital, a família, a escola e o trabalho.

Além disso, precisamos reavaliar a ideia de privacidade. Todos os dias vemos *prints* de conversas vazados, *story* do *close friends* expostos em páginas de fofoca e daí para pior. Ter uma conta privada ou perfil fechado, *dix*, *daily*, *pvt*, não é garantia de segurança.

Expomos nossa intimidade nas redes e cedemos gratuitamente nossos dados para grandes companhias, *sites*, jogos e aplicativos. Você sabia que os dados hoje valem mais que petróleo?

Muitos *posts* e comentários podem ser enquadrados nos crimes de calúnia, injúria e difamação. Já imaginou sofrer uma condenação cível ou criminal por fazer um comentário que você achou engraçado e pensou que não causaria problema pois é “apenas sua opinião”?

Agora que você entendeu o que é reputação digital, cuidado com o que posta e compartilha, evite a alta exposição nas redes sociais.

### EFEITO SOCIAL

Você pode ter seus dados vazados pelo uso de aplicativos maldosos, ser vítima de golpes, pode ir parar em portais de notícias por compartilhar uma trend, pode ser alvo de exposed indevido de imagens íntimas ou ser mal avaliado na ‘teoria da aparência’ pelo excesso de compartilhamento.

### EFEITO ADMINISTRATIVO

Você pode deixar de ser contratado, ou até mesmo demitido, pode ser suspenso e até expulso da escola ou da faculdade se o seu comportamento nas redes for ofensivo ou estiver em desacordo com os parâmetros de privacidade, regras de conduta e respeito ao próximo.

### EFEITO LEGAL

Você pode ser processado civil e criminalmente se fizer um post de caráter ofensivo ou criminoso (racista, homofóbico, difamador, ameaçador, etc.).

## Dentro das casas brasileiras



**Haline Marques**

Advogada, especialista em Direito Digital, presidente da Comissão de Direito Digital e Proteção de Dados da OAB-SP Vila Prudente, Palestrante e Coordenadora de Pós-graduação em Direito Digital. Redes Sociais: @drahalynemarques

Por muitos anos, a internet foi tratada como um espaço “privado” dos adolescentes. Um lugar onde pais não deveriam “invadir”, onde bastava confiar. Mas a realidade mudou, e mudou de forma brutal.

Hoje, os especialistas em educação digital, psicólogos, autoridades e órgãos de proteção à infância fazem um alerta claro: acompanhar a vida digital dos filhos deixou de ser excesso de controle. Passou a ser dever de proteção.

O crescimento de conteúdos envolvendo pornografia precoce, grupos de automutilação, incentivo ao suicídio, radicalização, violência extrema, maus-tratos de animais e comunidades criminosas dentro de aplicativos como Discord, Telegram e grupos de WhatsApp colocou famílias e escolas diante de uma nova emergência social.

As redes sociais já não funcionam apenas como entretenimento. Elas moldam comportamento, autoestima, emoções e decisões. E é justamente por isso que o chamado ECA Digital

surge como uma resposta urgente.

O novo debate jurídico não quer “proibir a internet”. Quer proteger crianças e adolescentes dentro dela. Os cinco pilares do ECA Digital são claros: proteção integral no ambiente digital, responsabilização das plataformas, limites para práticas abusivas, apoio às famílias e prevenção.

Na prática, isso significa que empresas como Instagram, TikTok, YouTube, WhatsApp, Discord e Telegram passam a ter o dever de cuidado mais rigoroso com menores de idade, especialmente quando lucram diretamente com o tempo e a permanência desses jovens *on line*.

Mas o ponto mais importante talvez seja outro: os pais também estão entrando na linha de responsabilização. Hoje, muitas plataformas já possuem sistemas de supervisão parental. Outras não. No Telegram, por exemplo, praticamente não existe. Crianças e adolescentes conseguem entrar em grupos públicos gigantescos, acessar conteúdos inadequados e

compartilhar arquivos em massa sem qualquer barreira relevante.

A consequência disso já aparece nos tribunais. Pais brasileiros começaram a ser condenados judicialmente por atos praticados pelos próprios filhos na internet. Casos de *cyberbullying* em grupos escolares já resultaram em indenizações, medidas socioeducativas e responsabilização familiar. E o cenário vai muito além do *bullying*, são episódios extremos ligados à violência escolar, radicalização *on line* e suicídio de adolescentes após perseguições virtuais e humilhações públicas.

Por isso, a orientação hoje é direta: pais precisam saber quais aplicativos os filhos usam, quais grupos frequentam, quem são os contatos, quais conteúdos consomem e quanto tempo passam conectados. Isso não é invasão. É proteção. O maior risco não é o filho achar ruim ter supervisão. É descobrir tarde demais o que ele estava consumindo sozinho atrás de uma tela.



# OPA! ECA DIGITAL.

Onézio Cruz



O ECA DIGITAL É UMA ATUALIZAÇÃO DO ECA FOCADA NA PROTEÇÃO DE MENORES DE 18 ANOS NO AMBIENTE VIRTUAL, IMPONDO NOVAS RESPONSABILIDADES A PLATAFORMAS DIGITAIS, FAMÍLIA E ESTADO...

O QUE MUDA NA PRÁTICA:

- VERIFICAÇÃO DE IDADE
- FIM DE DESIGNS VICIANTES
- CONTROLE PARENTAL E PRIVACIDADE
- PROTEÇÃO DE DADOS...



POUCO TEMPO DEPOIS



VIU SÓ QUE MASSA!!!!

SIM SIM E TEM MUITO MAIS SE LIGA!

PLATAFORMAS DE TECNOLOGIA:

- OBRIGADAS A IMPLANTAR REGRAS CLARAS SOB PENA DE MULTAS
- ESCOLAS: FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E PROTEÇÃO DA IMAGEM DOS ESTUDANTES
- GOVERNO: A AGÊNCIA NACIONAL DE PROTEÇÃO DE DADOS- ANPD É A RESPONSÁVEL PELA FISCALIZAÇÃO E MONITORAMENTO



VOCÊS VIRAM, MAIS UMA CONQUISTA DE TODOS NÓS. AGORA VAMOS ENTENDER APRENDER E USAR MUITO!!



CONTINUA...



# EU, LEITOR

Texto e fotos  
**EMEF Guiomar Cabral**

Ao longo da Semana do Estudo e Leitura, os estudantes do projeto Imprensa Jovem Noturno da EMEFM Guiomar Cabral participaram de uma atividade de indicação literária, compartilhando obras que marcaram suas experiências como leitores. A proposta foi incentivar a leitura entre os jovens a partir das próprias referências e interesses dos estudantes, valorizando diferentes gêneros, linguagens e formas de narrativa.

Durante a atividade, os alunos apresentaram livros, mangás e webtoons que dialogam com temas como amizade, amadurecimento, mistério, identidade, esporte,

fantasia e relações humanas. Além de exercitar a oralidade e a produção de conteúdo, a proposta também fortaleceu o protagonismo juvenil, permitindo que cada estudante expressasse suas opiniões e recomendações de maneira autêntica.

As indicações reunidas neste material mostram como a leitura pode acontecer de diferentes formas e alcançar públicos diversos, aproximando os jovens da literatura por meio de histórias com as quais eles se identificam.

**Professor Marcos C. Nunes,**  
orientador do projeto



**LIVRO** foi lançado nos EUA em 2018 e, no Brasil, em 2020

## PANTERA NEGRA: O JOVEM PRÍNCIPE

Meu nome é Kevin, do Imprensa Jovem, e hoje eu vou falar um pouco sobre o livro Pantera Negra: O Jovem Príncipe, escrito por Ronald L. Smith. O livro conta bastante sobre a vida do T'Challa antes de ele virar oficialmente o Pantera Negra. A história mostra ele ainda estudando

na faculdade e tendo que lidar com vários problemas da sociedade, além de pessoas querendo o mal dele sem que ele possa revelar quem realmente é. Ele tenta viver uma vida tranquila, igual muitos heróis tentam, mas ao mesmo tempo precisa lidar com o peso de futuramente se tornar rei. O livro trabalha muito essa questão

de viver na sombra do pai dele, do medo de não conseguir carregar o peso do manto do Pantera Negra e da responsabilidade de liderar Wakanda. No final, ele consegue proteger os amigos e começa a se tornar o herói que a gente conhece hoje nos filmes da Marvel.

**Kevin Ruan de Freitas, 16 anos**

**AUTOR** Kohei Horikoshi é um mangaká mundialmente conhecido



**ESTUDANTE** também destacou um mangá, febre entre os adolescentes



## SLAM DUNK

Meu nome é João e hoje eu vou falar um pouco sobre o mangá Slam Dunk, escrito por Takehiko Inoue. Ele é um mangá de basquete, que conta a história de Hanamichi Sakuragi, que entra para o time de basquete da escola Shohoku para impressionar a menina que ele gosta, a Haruko. Só que, durante esse processo, ele vai se desenvolvendo tanto como atleta quanto como pessoa. Ao longo da história, ele acaba se tornando mais forte e se apaixonando pelo basquete de verdade. Além disso, o mangá também tem muita comédia e momentos muito divertidos. É uma obra fantástica e eu recomendo muito a leitura.

**João Pedro P. Silva, 15 anos**



**AUTORES** da obra são dos Estados Unidos

## DASH E LILY

Oi, gente, eu sou a Lobato! Hoje eu vim falar sobre o livro Dash & Lily, escrito por Rachel Cohn e David Levithan. O livro conta a história de dois leitores que começam a se conhecer através de um caderninho vermelho que a Lily deixou para alguém encontrar. Isso acontece porque o irmão dela queria incentivar ela a encontrar alguém, já que ela dizia que não

## MY HERO ACADEMIA

Oi, pessoal! Hoje eu vim falar do mangá My Hero Academia, escrito por Kohei Horikoshi, em comemoração à Semana do Leitor. A história conta sobre um mundo onde as individualidades, que são como poderes, aparecem desde que a criança nasce. E aquelas pessoas que não possuem nenhuma individualidade acabam sendo excluídas da sociedade. Eu recomendo muito ler e assistir, porque a obra não fala só sobre um mundo de super-heróis. Ela também mostra adolescentes crescendo, amadurecendo e aprendendo a lidar com os desafios conforme o tempo passa. Mesmo sendo um mangá muito famoso, ele consegue trazer várias reflexões além da ação. É isso!

**Eduarda Silva Campos, 16 anos**

tinha namorado. Então ele cria esse caderno cheio de desafios, e o Dash acaba encontrando. A partir disso, os dois começam a se conhecer melhor através das mensagens e dos desafios. É um romance slow burn com clima natalino, então eles só se beijam praticamente no final da história. Por isso, vocês vão ter que ler até a última página!

**Marya Eduarda Lobato, 16 anos**





DE ORIGEM japonesa, os mangás são sucesso no Brasil

MADE IN ABYSS

Meu nome é Logan e hoje eu vou apresentar o mangá Made in Abyss, criado por Akihito Tsukushi. A história acompanha Riko, uma menina que vive em um mundo onde existe um grande abismo cheio de criaturas estranhas e mistérios. Esse abismo possui várias camadas e também uma maldição: você consegue descer, mas não consegue subir sem sofrer consequências. O mangá também traz várias representações sobre abandono e sobre como uma criança pode lidar com esse tipo de sentimento. É uma obra muito profunda e marcante.

Logan T. G. Teramoto, 15 anos

AO REDOR DO SOL

Oi, eu sou a Emilly e hoje eu estou aqui com o livro Ao Redor do Sol, escrito por Talessak, ou Talessa Kuguimiya e publicado pela Editora Minsk. O livro conta a história de uma família de imigrantes japoneses que vieram ao Brasil durante o período da Segunda Guerra Mundial. A obra aborda vários assuntos relacionados à forma como essas famílias viveram naquele período, além das dificuldades, sentimentos e experiências que enfrentaram. Na minha visão, é um livro muito sensível e emocionante. Além disso, ele possui vários QR Codes ao longo da leitura para que você possa escanear e ouvir trilhas sonoras relacionadas às cenas da história. Algumas músicas são mais animadas, outras mais tristes, e isso deixa a leitura ainda mais imersiva.



A AUTORA do livro comentado no texto é brasileira

Emilly Y. D. de Santana, 15 anos



WEBTONN é o termo utilizado para HQ da Coreia do Sul

O PEQUENO príncipe é um clássico da literatura mundial



O PEQUENO PRÍNCIPE

Oi, pessoal! Hoje eu vou falar sobre o livro O Pequeno Príncipe, escrito por Antoine de Saint-Exupéry. É um livro bem rapidinho de ler, muito dinâmico e curtinho, mas ao mesmo tempo muito filosófico. A história fala sobre um menininho que saiu do planeta dele e começa a viver várias aventuras, tanto na Terra quanto em outros planetas e galáxias. Apesar de ser considerado um livro infantil, ele também pode ser muito especial para adolescentes e adultos, dependendo da forma como a gente lê e interpreta a história. O livro possui várias frases lindas e reflexões muito profundas sobre a vida, amizade e sentimentos para todas as idades.

Maria Eduarda T. dos Reis, 16 anos

MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS

Meu nome é Mabel e hoje eu vou mostrar o livro Manual de Assassinato para Boas Garotas, escrito por Holly Jackson. No começo, o nome do livro pode parecer meio diferenciado, mas conforme você vai lendo a história, percebe que ela é cheia de mistérios, suspense e até um pouco de romance. É aquele tipo de livro que faz você querer descobrir o que realmente aconteceu junto com a personagem principal. A protagonista é uma investigadora muito corajosa e determinada, mesmo recebendo várias ameaças ao longo da história. Então, se você quer descobrir o final desse mistério, vai precisar ler o livro.

Maria Isabelly G. da Silva, 16 anos



O LIVRO que a estudante recomenda é o 1º volume de uma trilogia de sucesso

OPERATION TRUE LOVE

Oi, sou a Victória! Hoje eu vim falar sobre o *webtoon* Operation: True Love (também conhecido como Operação Amor Verdadeiro), criado por Chon Kye-young. A história acompanha uma menina que estuda normalmente com outras pessoas, mas acaba encontrando um celular chamado Jelly Pop. Nesse celular, ela acessa um sistema em que consegue descobrir quantas

pessoas gostam de alguém. Então, por exemplo, se aparecer o número cinco, significa que cinco pessoas gostam daquela pessoa. Só que ela descobre que existe um bug no sistema relacionado a ela, porque aparentemente ninguém gosta dela, mas isso não é verdade. Depois disso, o criador do sistema começa a ameaçá-la pelo celular, dizendo que, se ela não aumentasse os números dela, coisas ruins aconteceriam. No meio disso tudo,

ela acaba conhecendo um garoto e entrando em um relacionamento falso depois de ser traída pelo namorado e sua meia-irmã. Mais tarde, outro personagem aparece na escola, um idol muito famoso, e isso deixa a história ainda mais complicada. O *webtoon* mistura romance, drama e suspense, e eu recomendo bastante só a primeira parte da história

Victória Silva de Abreu, 16 anos



# Quem conta um conto...



## O ônibus das sete

Evelyn do Nascimento, Alice de Sales, Laysa Pacheco, Pedro Melo e Laryssa Oliveira  
*Universidade Metodista*

O ponto de ônibus parecia sempre o mesmo, mas naquele dia tinha um peso diferente. Como se o banco de metal soubesse que tudo ali era novo demais pra Lucas.

A mochila ainda cheirava a loja. O uniforme, duro. Até o silêncio parecia emprestado.

O ônibus chegou com um suspiro cansado, e lá dentro ninguém olhou por muito tempo. Aquilo era quase um alívio. Sentar-se perto da janela virou estratégia: olhar pra fora dava a sensação de ainda estar indo para algum lugar conhecido, mesmo que não estivesse.

A escola apareceu rápido demais.

Corredores longos, paredes com cartazes velhos, vozes que se misturavam numa língua que todo mundo entendia menos quem tinha acabado de chegar. Entrar na sala foi como abrir uma porta errada num sonho: familiar para todo mundo, estranho para Lucas.

O professor disse algo sobre turma nova e integração, mas as palavras se perderam no barulho de cadeiras arrastando e olhares rápidos. Foi indicado um lugar vazio no fundo.

Sentar-se ali parecia seguro. Invisível é quase confortável quando não se sabe por onde começar.

A aula passou em blocos desconexos: um pouco de conteúdo, um pouco de risadas sem sentido, uma tentativa constante de não parecer deslocado. O sinal tocou alto.

No intervalo, o pátio era um mapa sem legenda. Grupos se formavam como ilhas bem delimitadas. Aproximar de qualquer uma parecia exigir uma senha que ninguém tinha dado.

Foi então que alguém se sentou no banco ao lado, sem pedir licença, como se aquele espaço fosse naturalmente compartilhado.

— Você é novo, né?

A pergunta veio sem julgamento, curiosa demais para ser desconfortável.

Lucas acenou com a cabeça. Resposta curta. Ainda não dava para arriscar mais.

— Dá para perceber — um sorriso pequeno. — Não é uma coisa ruim. Só... diferente.

O silêncio que veio depois cabia bem.

— Eu também fui novo aqui um dia.

Lucas olhou de lado, pela primeira vez com interesse real.

— Sério?

— Sério. No começo parece que todo mundo já nasceu se conhecendo. Tipo um clube secreto sem inscrição.

Um riso escapou, quase involuntário.

— E como você entrou?

— Não entrei — deu de ombros. — Fui ficando.

O resto do intervalo passou de forma mais leve.

As aulas seguintes já não pareciam tão longas. Ainda havia olhares, ainda havia dúvidas, mas, também, havia aquela pequena âncora no pátio.

Na saída, o céu estava começando a escurecer. O ponto de ônibus era o mesmo da manhã, mas havia agora uma estranha sensação de reconhecimento.

— Você pega esse também? — a voz ao lado de novo.

— Acho que sim.

— “Acho” é um bom começo.

O ônibus chegou. Sentaram-se juntos, sem hesitar.

A conversa foi feita de pedaços: de onde Lucas tinha vindo, o que abandonou, o que ainda doía um pouco admitir. Histórias pequenas costurando alguma coisa.

— Dá saudade? — a pergunta veio olhando para rua.

— Dá. Mas também dava vontade

de sair de lá.

— É estranho, né? Querer ir embora e não querer perder nada ao mesmo tempo.

Lucas acenou. Exato.

Quando desceram, o silêncio já era só o intervalo entre uma coisa e outra.

No dia seguinte, o ponto de ônibus ainda estava lá. Mas, dessa vez, não parecia um território desconhecido.

O uniforme já não incomodava tanto. A mochila tinha perdido o cheiro de novidade.

Entrar na sala foi menos como errar de porta e mais como atravessar um lugar que, aos poucos, começava a fazer sentido.

O lugar no fundo estava livre, mas Lucas não o escolheu.

— Aqui — Um gesto com a mão.

Não houve hesitação.

As vozes ao redor continuavam as mesmas, os grupos também. Mas alguma coisa tinha mudado de lugar.

Naquela aula, as palavras do professor fizeram mais sentido. Ou talvez a cabeça de Lucas estivesse menos ocupada procurando saída de emergência.

No intervalo, o pátio já não era um mapa impossível. Ainda havia ilhas, mas agora existia pelo menos uma ponte.

— Então, já decidiu se vai ficar? — a pergunta veio com um leve tom de provocação.

— Acho que sim.

— “Acho” de novo.

— É meu jeito.

— Funciona.

O vento passou, bagunçando folhas e pensamentos.

Recomeçar não era começar vazio. Era chegar com tudo o que já se era num lugar onde ninguém ainda sabia quem Lucas era.

E talvez isso não fosse um problema. Talvez fosse uma chance.



# O brilho que esconde a sombra

→ Amanda Karolina Silva, Graziella Bispo, Laysla Ferreira, Pâmela Benjamim e Stefani de Campos

*Universidade Metodista*

O barulho do piso no corredor foi o que a acordou. Não foi alto, mas suficiente. Um estalo seco da madeira sendo pressionada por passos lentos. Ela abriu os olhos no escuro e ficou imóvel, tentando adivinhar se ele estava indo para a cozinha ou apenas passando em frente ao seu quarto.

Os passos se afastaram. O silêncio voltou, com um peso sobre o ar.

Só então, surgiu de repente ao lado, na tela do celular, um acúmulo de notificações. A foto da noite anterior cheia de curtidas, comentários e elogios. Na imagem, ela aparecia sorrindo com um grupo de amigas em uma festa de luxo, usando um vestido que custava o aluguel de dois meses daquela casa caindo aos pedaços.

Ela se levantou devagar, sentindo o chão frio nos pés, e abriu a porta do quarto com cuidado para não fazer barulho.

— Já acordou? — veio a voz do final do corredor. Era a voz do pai, carregada daquele cansaço arrastado de quem já desistiu de lutar.

Ela travou por alguns instantes.

— Já, pai — respondeu, com a voz baixa e trêmula.

Chegando à sala, uma mistura do cheiro forte do cigarro com o café amargo atravessava o ambiente, ele estava lá, encostado na poltrona a sua espera.

— Como passou a noite?

— Bem.

Ela se sentou. O silêncio ali tinha forma. Ocupava espaço entre os dois.

Ele virou o jornal devagar, como se escolhesse o momento certo.

— Bonita a foto de ontem.

O coração dela deu um salto pequeno, mas dolorido. Ela não sabia

se ele estava elogiando ou acusando.

— Obrigada.

— Muita gente comentando, né? Ela engoliu seco.

— É... um pessoal da escola.

Ele levantou os olhos pela primeira vez. Não havia nada neles, apenas cálculo.

— Você gosta disso, não gosta? Que as pessoas achem que você é feliz.

Ela não respondeu. Responder era sempre perigoso.

— Mas aqui dentro — ele aproximou junto dela — você sabe como as coisas são de verdade.

Ela assentiu.

Levantou-se, e caminhou até o banheiro, desviando das infiltrações no teto que formavam desenhos grotescos e traziam um cheiro incomodo de mofo no gesso. Ao entrar, não acendeu a luz principal; a lâmpada queimada nunca fora trocada. Usou a luz do próprio celular para se enxergar no espelho manchado.

Ali no reflexo, estava uma jovem cansada, com olheiras profundas, marcas e uma camiseta de propaganda política que servia de pijama.

O celular vibrou novamente. Mais comentários.

“Perfeita”.

“Você vive um sonho”.

“Bela foto, Bia! Sua casa é incrível!” — dizia um comentário de um colega de classe.

Bia sentiu um aperto no estômago. A foto “em casa” que ela postara na semana passada fora tirada no saguão de um hotel onde entrou escondida apenas para fazer o registro.

Ela ouviu o som de metal batendo na cozinha. Seu pai estava revirando

a despensa vazia.

— Bia... Você tem algum daqueles trocados que ganhou de aniversário? O gás acabou e...se quiser comer.

Ela olhou para o canto do quarto, onde guardava a sua única posse de valor: a câmera que usava para criar sua ilusão digital. Cada like era uma pequena dose de anestesia para a vergonha de viver em uma casa onde o gás era um luxo e o silêncio era preenchido por cobranças de dívidas.

Ela pegou o celular, abriu o aplicativo de banco. Saldo: R\$ 12,40.

Respirou fundo, ajeitou a postura, escondeu as marcas, bateu a foto e postou um *story* com um fundo preto e letras elegantes: “Segunda-feira produtiva! Focada nos estudos e na minha paz”.

Bloqueou a tela, sentiu uma lágrima quente escorrer e saiu do banheiro. Ela precisava encarar o pai, a fome e o medo de que, a qualquer momento a verdade viesse à tona.

O celular vibrou outra vez, mais curtidas, mais comentários de como era inspiradora.

Então, novamente, abriu a câmera e olhou para si mesma por alguns segundos. E, pela primeira vez, não fez pose.

Apenas ficou ali. Imóvel.

A imagem que a tela devolvia parecia outra pessoa. Alguém que ninguém conhecia.

Ela tirou a foto mesmo assim. Mas não postou.

Ficou olhando para a tela, para aquela versão crua, desarrumada, verdadeira demais para caber no mundo que ela tinha criado.

E, antes de guardar no bolso, sussurrou para si mesma, quase sem voz:

— Um dia... Quem sabe.

# O peso invisível

→ Rafael Gouveia, Pedro Henrique Gouveia, Diogo do Valle, Julia Brandão e Mailon Lopes

*Universidade Metodista*

Ela acordou antes do despertador. Não porque estivesse descansada, mas porque o sono tinha sido leve demais, como se a mente nunca tivesse realmente desligado. O corpo estava ali, parado na cama, mas a cabeça já estava a mil por hora, listando coisas que poderiam dar errado naquele dia.

Levantou-se devagar. Não havia nada de especial acontecendo. Nenhuma prova ou apresentação, nenhuma grande responsabilidade. Mesmo assim, o coração acelerava.

No café da manhã, ninguém percebeu nada. Ela comeu em silêncio, mexendo no copo sem prestar atenção. O barulho ao redor parecia distante, como se tudo estivesse acontecendo atrás de um vidro.

No caminho, sentiu aquela sensação estranha no peito não era

dor, não era medo, era só um peso constante. Algo que não ia embora, mesmo quando nada estava errado.

Durante o dia, respondeu quando falaram com ela, sorriu quando achou que deveria ou quando parecia necessário. Por fora, normal. Por dentro, cada pensamento era uma discussão, cada decisão pequena parecia enorme.

Ela sabia que se tentasse explicar, talvez não conseguisse. Porque não era algo específico. Era tudo e nada ao mesmo tempo. E era cansativo.

Quando chegou em casa, sentou-se na cama sem ligar a luz. Ficou ali por um tempo, sem fazer nada. Só respirando. Tentando entender por que viver parecia tão pesado às vezes, mesmo quando tudo parecia bem.

E mesmo sem entender, seguiu. Porque não sabia o que mais fazer além disso.





# Brincar é um



Texto e fotos

**CEI Sementinha da Esperança**

*As ruas ganharam novas cores, desenhos e vozes durante uma mobilização especial pelos Direitos das Crianças. Com cartazes pintados à mão e muita disposição para entrevistar colegas, professores e funcionários do CEI Sementinha da Esperança, os nossos pequenos repórteres saíram em passeata para defender uma ideia muito importante: criança tem direito de brincar, ser feliz, ter uma família, estudar, receber cuidados e ser ouvida.*

A investigação começou com uma pergunta feita pelo pequeno repórter Guilherme Rago: “Do que você gosta de brincar?”.

As respostas vieram rápidas. “Eu gosto de brincar de escorregador”, disse Liz Belchior, 3 anos. “Eu gosto de brincar de pega-pega”, falou Théo Macedo, 3 anos.

Ao ouvir os amigos, Guilherme fez outra pergunta: “Você sabia que brincar é um direito da criança?”.

Entre um bate papo e outro, as crianças foram descobrindo que muitos momentos do seu dia a dia estão ligados aos seus direitos. Quando Guilherme perguntou sobre quais seriam esses direitos, a resposta da pequena Eloah Honório, de 3 anos, surpreendeu: “Ir no médico, brincar e ser feliz”.

Inspiradas pelas conversas, as crianças decidiram transformar suas ideias em desenhos. Folhas em branco logo ficaram cheias de cores, histórias e significados.

Elisa Marizze, 3 anos, desenhou comida. “Sopa. Vou fazer uma bem grande!”. Já Théo, 3 anos, desenhou a felicidade. “Eu estou desenhando ser feliz”.

Teve quem desenhasse a chuva para representar a liberdade de brincar ao ar livre. “Vai ser bem legal esse desenho”, explicou Nathan Domeni, 3 anos.

Também apareceram desenhos da família, das brincadeiras e dos afetos: “A criança precisa de um

Irmão, isso é direito da criança”, disse Gabriel Ming, 3 anos.

E uma das falas mais marcantes da vivência, Rhavi, 3 anos, resumiu o sentimento do grupo: “O direito das crianças é de amor”.

## O QUE OS ADULTOS TÊM A DIZER

A nossa pequena repórter Liz entrevistou a professora Eliete Torbitoni para saber mais sobre o assunto. “Qual é o direito da criança?”. Segundo ela, os direitos das crianças envolvem muito mais do que as pessoas imaginam. “A criança tem direito de brincar, ser feliz, ter um lar, uma família, ter o vovô, a vovó e pessoas que cuidem dela”.

Ao explicar como os adultos cuidam das crianças, ela destacou ações simples e importantes do cotidiano. “Dar alimento, ajudar a cuidar, dar banho, trocar de roupa e levar para passear”.

## CARTAZES, TINTA E PARTICIPAÇÃO

Depois das entrevistas, chegou a hora de preparar a passeata (no entorno da escola). Entre pincéis, tintas e cartazes, as crianças continuaram compartilhando o que haviam aprendido.

Heitor resumiu os direitos das crianças do seu jeito: “É comer sorvete, ir no médico, brincar e passear”.

Com os cartazes prontos, o grupo saiu pelas ruas levando mensagens sobre a importância da infância.

# Direita!



CRIANÇAS do CEI Sementinha da Esperança saíram em passeata acompanhados dos professores pelo entorno da escola para reivindicar seus direitos







**MATERIAL** utilizado na passeata foi elaborado pelas próprias crianças durante atividade coletiva



## A voz do Sementinha: A construção do protagonismo infantil

*A Voz do Sementinha nasceu do desejo de reconhecer as crianças pequenas como sujeitos de direitos, capazes de observar, questionar, comunicar e participar ativamente da construção do conhecimento. Mais do que uma atividade de linguagem, o projeto se tornou um espaço de escuta e protagonismo, onde as crianças exercitam a curiosidade, desenvolvem a capacidade de expressão e aprendem que suas opiniões têm valor.*

*Ao assumirem o papel de repórteres, entrevistadoras e investigadoras do cotidiano, elas ampliam seu repertório cultural, fortalecem vínculos com a comunidade e descobrem que podem contribuir*

*para transformar os espaços que ocupam. A cada reportagem, as crianças nos mostram novas formas de compreender o mundo, trazendo olhares sensíveis, autênticos e muitas vezes surpreendentes sobre temas relevantes para a infância.*

*Desenvolver um projeto de Imprensa Mirim com crianças tão pequenas também apresenta desafios importantes. É necessário respeitar os diferentes tempos de fala, acolher as múltiplas formas de comunicação e construir estratégias que garantam a participação efetiva de todas as crianças.*

*Muitas vezes, o adulto precisa abandonar a lógica do controle e assumir uma postura de escuta genuína,*

*permitindo que as investigações sigam caminhos inesperados propostos pelos próprios participantes.*

*Outro desafio é sensibilizar a comunidade para reconhecer a potência das vozes infantis, superando a visão de que as crianças apenas reproduzem discursos adultos.*

*Apesar dessas dificuldades, os resultados demonstram que, quando lhes são oferecidas oportunidades reais de participação, as crianças revelam uma extraordinária capacidade de interpretar, questionar e comunicar suas experiências, reafirmando seu papel como cidadãos desde a primeira infância.*

**Rafael Barros Rangel, diretor.**

### ADULTO PRECISA ESCUTAR CRIANÇA

Ao final da caminhada, os pequenos repórteres conversaram com educadores para saber o que acharam da iniciativa. Liz perguntou: “O que achou da passeata?”

A professora Eliete destacou a importância da ação. “Muitas pessoas não sabem quais são os direitos das crianças. Quando saímos para a rua, mostramos para a vizinhança que as crianças têm voz e precisam ser ouvidas”.

A pequena repórter Heloisa Alves foi direta na pergunta para a professora Loraine Bezerra: “Você brinca com suas crianças?”. E a resposta veio imediata: “A gente brinca de pega-pega, esconde-esconde, dança e se diverte muito”.

O pequeno repórter Guilherme perguntou o que a nossa auxiliar de cozinha Vanessa Granado acha que acontece quando a criança brinca. Então, ela respondeu. “A criança, ela põe pra fora aquela sensação boa, a criança fica feliz, a criança gosta de brincar”.

Ao ser perguntado pela pequena repórter Heloisa sobre o significado da infância, o professor Reinildo respondeu: “Infância é brincar. Criança tem que ter liberdade para brincar”.

E quando a pequena repórter Heloisa quis saber como seria um mundo perfeito para as crianças, veio uma resposta que parecia combinar com a própria passeata. “Um mundo colorido, cheio de brincadeiras, alegrias e tudo aquilo que a criança gosta de fazer”.

### MENSAGEM IMPORTANTE

Entre perguntas, desenhos, entrevistas e caminhadas, as crianças mostraram que conhecem muito bem aquilo que faz parte de uma infância feliz: brincar, ser cuidado, ter saúde, ter família, ter amor e ser ouvido.

Mais do que uma passeata, a mobilização foi uma oportunidade para que as crianças ocupassem as ruas com suas ideias, suas descobertas e suas vozes. E deixassem uma mensagem para toda a comunidade:

Os direitos das crianças precisam ser conhecidos, respeitados e vividos todos os dias.



